

MEIO AMBIENTE

Mato toma conta de área da Asa Norte transformada há 13 anos em reserva ecológica. Catadores de lixo e carroceiros não se intimidam com ações do Siv-Solo e voltam ao local

O Parque Burle Marx agoniza

DA REDAÇÃO

Daniel Ferreira

O Parque Ecológico Norte leva o nome do maior paisagista brasileiro de todos os tempos, Burle Marx. Se estivesse vivo, porém, o homem que cultuou o verde e criou projetos internacionais com a flora brasileira certamente não gostaria de ver seu nome emprestado a uma área em total estado de abandono. As plantas dividem espaço com lixo e entulho, não há sinalização e apenas parte do parque está cercada. A área, transformada em reserva ecológica em 1990, virou um imenso matagal.

A reserva foi criada para preservar espécies nativas do cerrado — a homenagem a Burle Marx veio só em 1998. São 308 hectares, 14 vezes a área do Parque Olhos D'Água (413/414 Norte). O parque se estende por toda a Asa Norte, na área acima das quadras 900. Uma das entradas fica na via de acesso à Câmara Legislativa, no final da W3 Norte. Ao sul, ele se limita com o Setor Militar Urbano, próximo ao Eixo Monumental.

A grande extensão de área que deveria abrigar trilhas ecológicas e um museu da história do cerrado está desprotegida. A placa que indica a destinação do local está enferrujada e coberta pelo mato. A guarita, ou o que sobrou dela, está desmoronando. Lixo e entulho tomaram conta de tudo. O abandono afasta possíveis frequentadores, que poderiam usar o espaço como área de lazer ou campo de estudos para pesquisas acadêmicas. O local é ocupado por carroceiros e catadores de lixo, que improvisam barracos para morar. Passam a pé, de bicicleta, de carroça. São adultos e crianças.

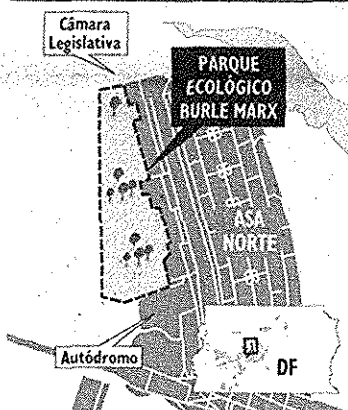
A catadora de lixo Maristela da Costa, 40 anos, mora no local. É ali, embrenhada no mato, que ela vive há quatro anos e tira o sustento da família. Ela e o marido Waldo Oliveira, também catador de lixo, construíram um barraco de dois cômodos. Do lado de fora, deixam um amontoado de sacos de lixo que trazem das quadras da Asa Norte para catar e vender.

Maristela, Waldo e José Carlos de Souza, 24, outro catador de lixo que mora há três anos no parque, sabem tudo sobre a área, inclusive que não poderiam estar ali. Apontam trilhas, falam da vizinhança, conhecem entradas e saídas. “É muito egoísmo, eles não cuidam nem



A CATADORA DE LIXO MARISTELA DA COSTA MORA HÁ QUATRO ANOS NO PARQUE, COM O MARIDO: SIV-SOLO DERRUBA O BARRACO, ELES FAZEM OUTRO

ONDE FICA



CERRADO NATIVO

● O Parque Ecológico Burle Marx tem 308 hectares — o equivalente a 14 áreas do Parque Olhos D'Água (413/414 Norte). A faixa verde de cerrado nativo é tão extensa que acompanha toda a Asa Norte, acima

das quadras 900, de ponta a ponta.

● O projeto original para a área, segundo o administrador Geovane Batista dos Santos, determina a criação de um refúgio de pássaros, um viveiro de árvores

nativas, um museu da história do cerrado, trilhas ecológicas e áreas de lazer.

● O parque ainda não foi implantado por falta de verbas. Falta registrar o terreno em cartório e cercar a área.

deixam a gente usar. Isso aqui tá abandonado faz tempo”, diz Maristela. Os três admitem que já foram retirados do local muitas vezes, pelo Siv-Solo. “Mas, quando a fiscalização vai embora, a gente levanta o barraco de novo”, conta Waldo.

A administração do parque é

de responsabilidade da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh). O administrador Geovane Batista dos Santos explica que o parque ainda não foi implantado — faltam cercamento, registro do terreno e policiamento — por falta de recursos. A mudança de gover-

no e a troca de secretários do GDF, segundo ele, atrasaram o repasse da verba, que deve ser liberada a partir de junho.

“Até novembro o parque deverá estar todo cercado, com portões nas entradas de acesso e duas guaritas com vigilantes”, explica o administrador. Ele

anuncia para o próximo dia 2 um mutirão de limpeza e uma campanha de conscientização da população. As melhorias definitivas, no entanto, de acordo com Geovane, virão com a criação do Setor Noroeste, bairro próximo à Água Mineral que atenderá à classe média.

Invasores driblam fiscalização

Áreas vazias, sem cercamento nem vigilância permanente, como a do Parque Burle Marx, facilitam a instalação de famílias que não têm onde morar, de acordo com o diretor executivo do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo), coronel Sérgio Puhle. Só este ano, foram feitas no local dez fiscalizações, em parcerias do Siv-Solo com órgãos do GDF. Em 2002, foram 20. A última, feita dentro e às margens da reserva, aconteceu na segunda-feira. “Foram retiradas 35

famílias”, afirma Puhle. Segundo ele, o que mais chamou a atenção nas operações realizadas no ano passado foi o grande número de famílias que acabavam voltando para o local.

Outra consequência do abandono do parque é o favorecimento da criminalidade. Apesar de não ter estatísticas sobre o número de ocorrências, a delegada titular da 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte), Eneida Taquari, afirma que a área é perigosa. “É grande a concentração de pessoas que,

sem condições mínimas de sobrevivência, acabam praticando pequenos delitos”, explica. Segundo Eneida, já foram apreendidos no local celulares e até um computador.

Uma das idéias da delegada para acabar com a ocupação indevida do parque é promover um sobrevôo no parque e identificar o número de invasores. Por terra, o mato alto dificulta a fiscalização. Com o número em mãos, o passo seguinte seria acionar o Siv-Solo, para retirar as famílias.